

Igreja Diocesana de VILA REAL



Associação de Imprensa
de Inspiração Cristã

Boletim Bimestral - Ano XIV, nº 71, Abril de 2016

Director: P. João Curralejo

Dom Amândio José Tomás

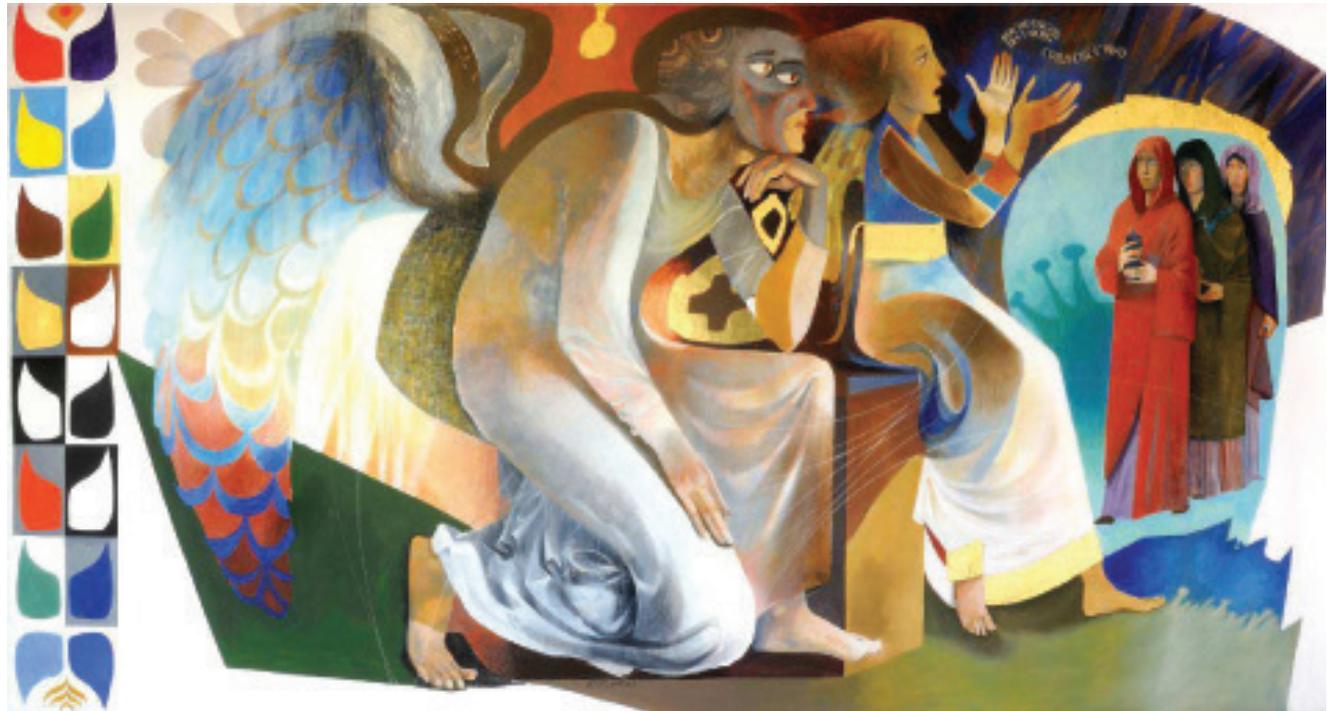
Páscoa do ano jubilar da Misericórdia

Alegria-vos! Proclamai a alegria da Páscoa e realizai as obras de misericórdia!

Caros Diocesanos!

O Ressuscitado venceu a morte, para nos dar a vida eterna. Que Ele reine e acenda em Vós a esperança na vida eterna, para que fomos criados. O amor de Deus misericordioso deu-nos o Filho, que dá a vida gloriosa e não engana. Ele morreu por nós e isto é uma loucura, que o mundo não entende, mas escarnece e despreza.

1.- A Boa Nova da salvação abre com o anúncio do Anjo a Maria, aos Pastores e Magos. Continua na Visita a Isabel e tem o seu ápice no Mistério Pascal de Cristo imolado, que apareceu glorioso, ven-



“Por que procurais entre os mortos Aquele que está vivo?” (Lc 24, 5)

ceu a morte e entronizou a humanidade, assumida, antecipando a vida gloriosa, que nos há-de dar. A Páscoa celebra o regresso

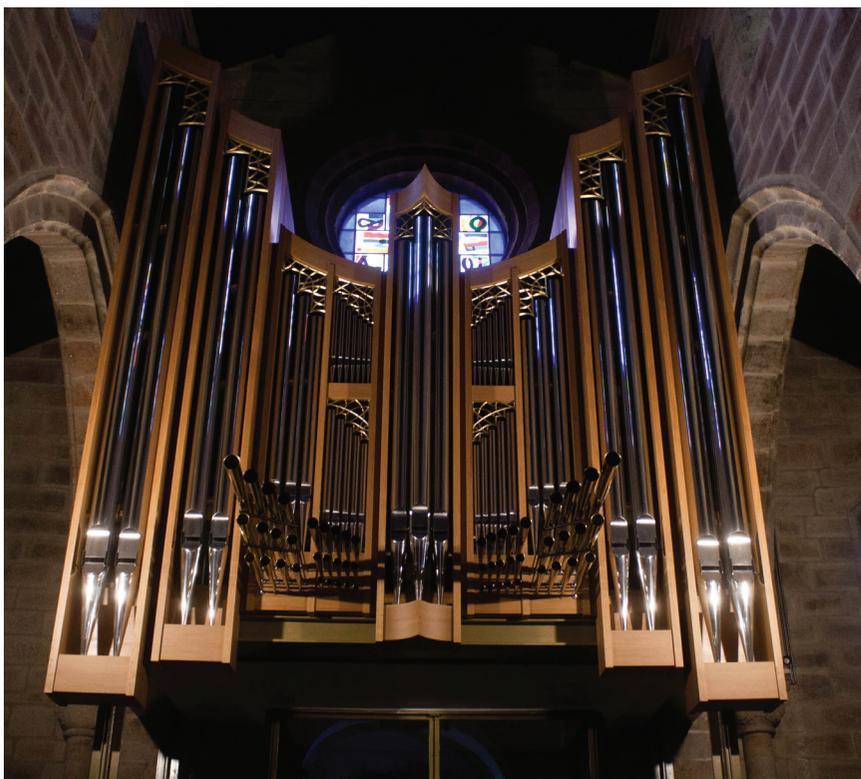
do Filho ao Pai, com a humanidade, que assumiu o encarnar, no seio de Maria.

Os cristãos celebram, no primeiro dia da semana,

a Ressurreição de Jesus e fazem, em Sua memória, o que Ele mandou fazer, na Última Ceia. Celebrando a Ressurreição, no Do-

mingo, com a Eucaristia, proclamamos e interpretamos o mistério da Páscoa,

Cont. pág. 4



Novo Órgão de tubos na Sé de Vila Real

Finalmente temos um órgão sinfónico na nossa Sé.

Já se vê. Não foi um caminho fácil, mas valeu a pena. É o momento de dar graças a Deus e de agradecer a tantas pessoas que acreditaram: em primeiro lugar os que, desde o início, trabalharam na Comissão promotora, respondendo ao convite feito pelo senhor D. Joaquim Gonçalves que era Bispo da Diocese; aos que têm contribuído financeiramente e segundo as suas possibilidades; às diversas instituições presentes na Diocese, parti-

cularmente ao Município de Vila Real.

Todas as ajudas continuam a ser bem vindas. Contamos com a participação das pessoas de boa vontade neste grande projecto.

Durante vários anos a Sé de Vila Real foi submetida a uma profunda intervenção de restauro, cujos resultados estão à vista. A aplicação dos vitrais deu-lhe uma cor que, em contraste com a nudez do granito, nos eleva e concentra dando-nos aquele aconchego que é próprio de um lugar de culto cristão.

Cont. pág. 8

DA PÁSCOA JUDAICA À PÁSCOA CRISTÃ

I. PÁSCOA JUDAICA

A Páscoa dos judeus, nas origens, é uma festa de família. Celebra-se de noite, na lua cheia do equinócio da primavera, no dia 14 do mês de abib (chamado nisan depois do exílio). Oferece-se a lahweh um animal jovem, nascido nesse ano, para atrair as bênçãos divinas sobre o rebanho. A vítima é um cordeiro ou cabrito, macho e sem defeito (Ex. 12, 3-6), cuja carne se come numa refeição rápida e com cujo sangue se marcam as padeiras das portas dos israelitas (Ex. 12, 7.8-11.22).

Estes indícios de nomadismo e de um ambiente marcadamente doméstico sugerem uma origem muito antiga da Páscoa. Assim, podia ser este o sacrifício que os hebreus queriam que o faraó os deixasse ir celebrar ao deserto (Ex. 3, 18; 5, 1ss - cf. BJ, nota m). Poderia então ser uma festa mais antiga que Moisés e a saída do Egipto. Porém foi o acontecimento do Êxodo aquele que lhe conferiu o seu significado definitivo.

A libertação do jugo egípcio foi efectivamente a grande primavera de Israel. Coincidindo a Páscoa com esta libertação, ela vai-se tornar então o verdadeiro memorial do Êxodo. Recorda que Deus castigou o Egipto e se mostrou fiel ao seu povo (Ex. 12, 16s.; 13, 8s.). Vai ser este, a partir daí, o verdadeiro sentido da Páscoa, que dá também um novo alcance a este termo.

O termo Páscoa deriva do grego pascha, que por sua vez deriva do aramaico pasha e do hebraico pesah. A origem deste nome tem várias explicações. A Bíblia relaciona pesah com o verbo pasah, que pode significar coxear ou executar uma dança ritual à volta de um sacrifício ou, em sentido figurado, saltar, passar,

perdoar. A Páscoa é assim a passagem de lahweh, que não feriu as casas dos israelitas, mas feriu de morte os primogénitos do Egipto (Ex. 12, 13.23-27; cf. Is. 31, 5).

Com o tempo, juntou-se à Páscoa outra festa, ao princípio diferente, mas com ela relacionada, por ser também celebrada na primavera: a festa dos ázimos (Ex. 12, 15-20). Verificamos então que a Páscoa se celebra a 14 do mês, enquanto os ázimos se fixam na data de 15 a 21 do mesmo mês. Os ázimos e a eliminação da velha levedura, além de serem símbolos rituais de pureza e renovação anual, foram relacionados pela tradição israelita com a saída do Egipto (Ex. 23, 15 - cf. BJ, nota x; 34, 18). Significa agora a pressa da partida, tão precipitada que os israelitas tiveram que levar consigo a massa antes que ela fermentasse (cf. Ex. 12, 34.39).

Nos calendários litúrgicos, estas festas ainda são algumas vezes consideradas em separado (Lev 23, 5-8) e outras vezes são confundidas uma com a outra (Dt 16, 1-8 - cf. BJ, nota b). De qualquer modo, na celebração da Páscoa anual actualiza-se a libertação do Egipto, e este significado profundo da festa sente-se com mais intensidade nas etapas importantes da história de Israel: a etapa do Sinai (Num. 9), a entrada em Canã (Jos 5), a reforma de Ezequias, cerca do ano 716 a. C. (2Cro. 30), a reforma de Josias, cerca do ano 622 a. C. (2Rs. 23, 21ss.) e o restabelecimento em Israel depois do exílio, cerca do ano 515 a. C. (Esd 6, 19-22).

Também, como é óbvio, a libertação do jugo egípcio é de novo evocada sempre que Israel é vítima de outros tipos de escravidão, em particular o domí-



nio dos assírios e dos babilónios (cf. Is. 30, 29; 31, 5; 40, 3-5; 41, 17-20; 43, 16-21; 49, 9-11; 55, 12-13; Jer. 23, 7; 31, 2-21). Com o andar dos séculos, a celebração da Páscoa ganhou novas características: de festa familiar, transformou-se em festa do templo (Dt. 16, 1-8), enquadrando-se assim na centralização geral do culto que o Deuterónimo preconizava.

II. PÁSCOA DE JESUS

Jesus começa por tomar parte na Páscoa judaica, mas vem a suplantá-la, dando-lhe cumprimento. Com efeito, no tempo da Páscoa Jesus pronuncia palavras e realiza actos que pouco a pouco mudam o seu sentido. Ao longo da sua vida e do seu ministério público, Jesus mostrou-nos vários aspectos dessa nova Páscoa: a Páscoa do Filho único (Lc. 2, 41-51); a Páscoa do novo templo (Jo. 2, 13-23); a Páscoa do pão multiplicado (Jo. 6); finalmente, a Páscoa do novo cordeiro, em que Jesus substitui o cordeiro pascal, institui a nova refeição pascal e realiza o seu próprio êxodo, passagem deste mundo pecador ao reino do Pai (Jo. 13, 1 - cf. BJ, nota q).

Os sinópticos descrevem a última refeição de Jesus com os Apóstolos

como uma ceia pascal (cf. Mc. 14, 26 par.). É, porém, a ceia de uma nova Páscoa: nas bênçãos rituais do pão e do vinho, Jesus introduz a instituição da Eucaristia. Ao entregar o seu corpo e sangue, descreve a sua morte como o verdadeiro sacrifício pascal, cujo novo cordeiro é Ele (Mc. 14, 22 par.).

S. João, como sabemos, não fala da instituição da Eucaristia, mas sublinha o acontecimento pascal inserindo no seu evangelho diversas alusões a Jesus - cordeiro de Deus (Jo. 1, 29.36) e colocando na tarde de 14 de nisan a imolação do cordeiro (Jo. 18, 28; 19, 14 - cf. BJ, nota p.31.42) e a morte na cruz da verdadeira vítima pascal (Jo. 19, 36 - conforme acontecia com o cordeiro pascal, também a Jesus nenhum osso foi quebrado - cf. Ex. 12, 46).

III. PÁSCOA CRISTÃ

Jesus foi crucificado na véspera de um sábado (Mc. 15, 42 par.; Jo. 19,31) e ressuscitou no primeiro dia da semana (Mc. 16, 2 par.). Nesse mesmo dia os apóstolos encontraram-se com o Senhor ressuscitado, durante uma refeição que renova a ceia (Lc. 24, 30.42s.; Mc. 16, 14; Jo. 20, 19-26; Act. 1, 4). A partir daí, os cristãos vão passar a reunir-se no primeiro dia

da semana, para a fracção do pão (Act. 20, 7; 1Cor. 16, 2). Por isso esse dia receberá bem cedo um nome novo: o dia do Senhor, o domingo (Ap. 1, 10). Neste dia os cristãos celebram a ressurreição de Cristo, unindo-se a ele na Eucaristia e renovando a sua esperança na Parusia (1Cor. 11, 26).

Além da Páscoa celebrada cada domingo (e sempre que se reúnem na Eucaristia), também os cristãos têm a sua Páscoa anual, na qual festejam a

Cont. pág. 3

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade

Centro Católico de Cultura

Redacção

P. João Batista G. Curralejo

Administração

P. Manuel da Silva Coutinho

R. D. Pedro de Castro, 1

5000-669 VILA REAL

Tel. 259322034

Fax. 259378346

E-mail: ccc-vr@mail.pt

Impressão

Minerva Transmontana

Tipografia L.da

R. D. António Valente

da Fonseca

5000-539 VILA REAL

DA PÁSCOA JUDAICA À PÁSCOA CRISTÃ

Cont. pág. 2

sua libertação do pecado e da morte, unindo-se a Cristo crucificado e ressuscitado, para com ele terem a vida eterna, e esperando a sua vinda gloriosa. Substituem a refeição pascal judaica por um jejum e uma vigília em que é lido o relato do Êxodo com uma nova luz,



a luz de Jesus Cristo. Uma vez que ele foi imolado, têm que celebrar a Páscoa com os pães ázimos da pureza e da verdade (1Cor. 5, 6ss.). Com Cristo, vivem pessoalmente o mistério da Páscoa, morrendo para o pecado e ressuscitando para uma vida nova (Rom. 6, 3-11; Col. 2, 12).

A palavra Páscoa designa também a realidade escatológica da morte, ressurreição e do encontro com Deus de cada um de nós. A Páscoa celebrada na terra prepara o banquete celestial, a Páscoa eterna para a qual todos caminhamos, o festim definitivo no reino do Pai (Mt. 26, 29).



Síntese elaborada a partir do artigo de Pierre-Émile Bonnard, Pascua, in X. Léon-Dufour, Vocabulário de Teologia Bíblica, Barcelona, Herder, 1982, 647-651.

P. Manuel Coutinho

“A IGREJA, MÃE DE VOCAÇÕES”

As comunidades devem acolher as vocações assim como Maria acolheu Jesus Cristo no seu seio

Desde 1964 que todos os anos, terminando no IV Domingo da Páscoa, também conhecido como o Domingo do Bom Pastor, que a Igreja celebra a Semana de Oração pelas Vocações. Desde então os papas, com breves mas interessantes mensagens, foram chamando a atenção para o problema das vocações e construindo os fundamentos teológicos daquilo a que poderíamos chamar uma teologia do chamamento. São mensagens que nos convidam a rezar pelas vocações e nos iluminam sobre algum aspeto da mesma. Quais são as ideias centrais da mensagem do Papa Francisco para este ano de 2016 que tem como título “A Igreja, Mãe de vocações”? Podemos dizer que a mensagem papal, tendo como pano de fundo o Ano da Misericórdia que estamos a viver, está centrada em três ideias: As vocações nascem, crescem e devem ser sustentadas pela Igreja.

As vocações particulares nascem no meio do Povo de Deus e são dons da divina misericórdia. A Igreja é, então, a terra que faz germinar a semente da vocação colocada por Deus no coração do homem. Diz o Papa: “A Igreja é a casa da misericórdia e também a «terra» onde a vocação germina, cresce e dá fruto”.

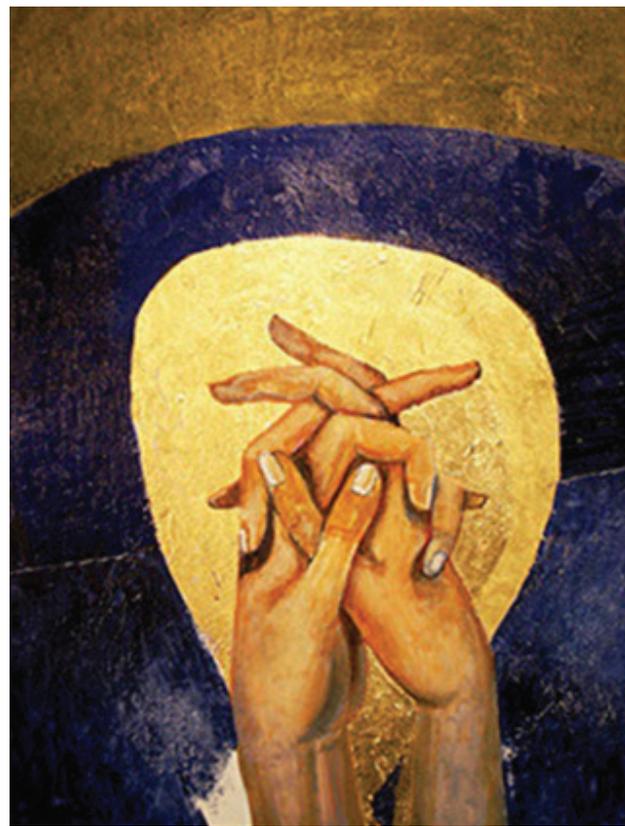
Aquele que é chamado recebe, da comunidade cristã, a fé, o amor do Senhor e o seu perdão que salva através, sobretudo, dos sacramentos. Por sua vez, é através da mediação da comunidade que Deus chama para vocações específicas. “O caminho vocacional faz-se juntamente como os irmãos e irmãs que o Senhor nos dá: é uma con-vocação”. De modo que poderíamos dizer que os fiéis de todas as comunidades eclesiais deveriam sentir o problema das vocações como seu e comprometerem-se na procura e cultivo das mesmas.

Assim, cada chamado, cada vocacionado, deve saber que a sua missão será a de se colocar ao serviço da Igreja onde for preciso e não só para uma determinada região, grupo ou movimento eclesial. Trata-se de um chamamento

de Deus para servir o seu povo. Esta abertura à universalidade da missão demonstra também a autenticidade do carisma que não é sectário, mas eclesial. O Papa convida a fazer uma valorização positiva dos diversos carismas que nascem na Igreja, embelezando-a. Concluimos, então, que as vocações nascem na Igreja e “deste modo, a comunidade torna-se a casa e a família onde nasce a vocação”.

Uma vez iniciado o itinerário formativo, este deverá fortalecer os vínculos com a comunidade eclesial, pois a vocação nasce na Igreja, mas precisa de crescer e de se desenvolver realizando diversas experiências apostólicas que confirmem a vocação: evangelizar as periferias, fazer experiências de contemplação partilhando a vida de clausura, conhecer melhor a missão ad gentes através do contacto com os missionários, aprofundar na experiência da pastoral na paróquia e na diocese com os sacerdotes diocesanos, etc. A comunidade é o âmbito educativo fundamental pelo qual se sente gratidão.

Uma vez confirmado na vocação (ordenação, votos religiosos, etc.) “o caminho vocacional na Igreja não termina”, deve-se continuar num itinerário permanente de formação e serviço estando disponível para servir a Igreja onde seja necessário. Quem está sempre em atividade e não tem tempo para se dedicar à sua formação corre o perigo de cair na rotina espiritual. Precisa de renovação espiritual e teológica. Por isso a vocação é sustentada pela Igreja que deve proporcionar um Programa de For-



mação Permanente para todos os seus membros.

O Papa acentua e chama a atenção para o papel fundamental dos sacerdotes no discernimento e acompanhamento vocacional afirmando que “o cuidado pastoral das vocações é uma parte fundamental do seu ministério”. Pede ainda que o Espírito Santo reforce nos pastores e em todos os fiéis a comunhão eclesial, o discernimento vocacional, bem como a paternidade e maternidade espirituais.

Finalmente o Papa Francisco apresenta-nos uma bela imagem: As comunidades devem acolher as vocações assim como Maria acolheu Jesus Cristo no seu seio. A Igreja é mãe porque dá à luz, educa e acompanha as vocações, mantendo-as com a sua oração perseverante. Concluimos então que a Igreja sustenta as vocações.

Esta é uma mensagem que nos interpela e nos desafia. Façamos deste Ano da Misericórdia também um Ano Vocacional porque é na experiência da misericórdia de Deus que se descobre o dom da vocação e rezemos mais pelas vocações. Fomentemos também nas nossas paróquias e comunidades tempos de oração pelas vocações de especial vocação na Igreja.

P. António Abel R. Canavarro,
Reitor do Seminário

A Páscoa do ano jubilar da Misericórdia

Cont. pág. 1

como dom de vida e amor. A celebração semanal da Páscoa, no Domingo, foi a primeira. A Páscoa celebra a libertação do êxodo. Para nós, ela celebra a libertação do pecado e da morte e o dom da vida e felicidade eterna, graças à morte e ressurreição de Cristo, prefigurada na libertação do Egito. Cristo é a nossa Páscoa, que nos livrou do pecado e da morte, com a ressurreição. A Páscoa Judaica é figura do que Jesus viria a realizar. A Eucaristia é o memorial do Corpo imolado e do Sangue derramado, pelos pecados, ícone do amor de Deus, coração da Igreja, sacramento pascal, mistério da fé e memorial da Morte do Ressuscitado, até que Ele venha, confessando que vive glorioso junto do Pai, donde há-de vir a consolar e glorificar os que n'Ele crêem.

2.- Assistimos a provocações, que ferem a sensibilidade cristã e não ajudam o diálogo. O ódio e a retaliação alimentam guerras. O mundo não entende a misericórdia, nem o Crucificado que perdoou a quem O matou. Imitai Jesus, que perdoou do alto da cruz. Mostrai, publicamente, a fé e esperança, como diz S. Pedro: “Quem vos pode fazer o mal, se fazeis o bem? Se sofrerdes pela justiça, sereis felizes. Não tenhais medo. Reconhecei a santidade de Cristo, como Senhor. Se Vos pedem explicações da vossa fé, defendei-a, com modéstia, respeito e boa consciência, para que os que difamam a vossa boa conduta cristã sejam confundidos ao vos difamarem” (1 Pe. 3, 15-16). Permanecei fortes, firmes e resolutos, na fé, em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que nos deu a vida

e nos manda amar, pedindo o amor preferencial pelos fracos, crianças, idosos, necessitados de cuidados, do afecto e da complementaridade dum pai e duma mãe, sacramentos do grande amor de Deus, por nós. A defesa da vida das crianças, dos idosos e mais fracos é apanágio do agir cristão. A vida e a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte e o testemunho da água, do sangue e do Espírito Vos levem a agir, como baptizados, movidos pelo Espírito de Deus e de Cristo, cheios de Deus, magnânimos, abertos ao preço e testemunho do sangue derramado, que é sinal inequívoco e amostra da Vossa fé, perante o mundo.

Alegrai-vos. Proclamai a alegria da Páscoa e realizai as Obras de Misericórdia. Perdoai e sereis perdoados, certos de que Jesus Cristo Ressuscitado, “é a pedra rejeitada, pelos construtores, e se tornou a pedra angular. Esta é a obra do Senhor e o grande prodígio aos nossos olhos. Este é dia da vitória do Senhor: cantemos e alegremo-nos nele! Senhor, salva-nos! Senhor, dá-nos a vitória!” (Sl. 118 (117), 22-25).

3.- Caros Presbíteros, cuidai do rebanho. Imitai Cristo Bom Pastor, que deu a vida, por nós. Acreditai e deixai-vos seduzir e apanhar por Deus: “Não desfaleçais, pois, se o homem exterior se arruína, o homem interior renova-se, dia a dia. A momentânea e leve tribulação oferecenos um prémio eterno de glória, além de toda a medida. Não nos fixemos nas coisas visíveis, mas nas invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas” (2 Cor. 4,16-18). Sede modelos do rebanho,

assíduos à oração e audição da Palavra. Vivei desprendidos e enamorados de Deus, da Sua Palavra e do Seu Espírito, como “vasos e não canais” da graça e da bondade de Deus. Rezai muito e converteivovos, abeirandovos assiduamente do Sacramento da Reconciliação, para que a Eucaristia mude as vossas vidas e o bem que fizerdes ajude as pessoas a glorificar o Pai celeste e a acreditar em Cristo. Não queirais converter outros a Deus e ao Evangelho, sem a Vossa conversão. Admoestai, mas começai por Vos confiardes à Palavra de Deus e ao primado da Sua graça. Dai o exemplo, que arrasta e é mais eloquente que os sermões, sem amor e convicção. Rezai, adorai a Jesus Eucarístico, frequentai o Sacramento da Penitência, reconciliandovos com Deus.

Vinde celebrar comigo a Eucaristia, na Quinta Feira Santa, na Sé Catedral. Recordo a Missa e Concertos, na inauguração do Órgão Sinfónico, no dia 20 de Abril, em que se festejam os 94 anos de fundação da Diocese. Vivei em paz e em diálogo uns com os outros. Perdoai-vos, mutuamente. Fazei o bem. Semeai a alegria e participai, nas Reuniões de Arciprestado. Vivei em paz com todos. Confessai-vos, periodicamente, dai exemplo aos Fiéis, e crescei na piedade, no amor e na adoração.

4. Caros Padres, Religiosos e Leigos. Peço-vos empenho, ardor, alegria e criatividade, na promoção, recrutamento, discernimento e acompanhamen-



to de todas as Vocações e das Vocações ao Sacerdócio Ministerial. Ide, pelas paróquias e chamai, pois, Jesus quer que interpelemos e peçamos a Deus que mande trabalhadores, para a Sua ceara. Apostemos na jóia da coroa, que é o Seminário, preocupação dos Bispos de Vila Real, que me precederam, no que toca à sua construção e manutenção. Hoje, o Seminário precisa de ser restaurado, de telhado novo, como intervenção urgente e dispendiosa. E, sobretudo, precisa de Seminaristas, que serão os futuros Padres. Antes estava cheio. Se há menos filhos, na Diocese, com 264 Paróquias, grandes e pequenas, mal será não haver 40 ou 50 jovens interpelados. Há que sair e abordar os jovens. Há que motivar para esta causa os pais, professores, educadores do Seminário, movimentos, Párocos e os paroquianos, para a grande cruzada das Vocações Sacerdotais. Ninguém fique de fora. Cooperar e dar as mãos, seduzindo os jovens para Cristo, abordando-os.

5. Praticai as Obras de Misericórdia, corporais e espirituais. Seremos julgados pelo bem feito aos pobres, sacramento do amor a Deus. Respeito pela vida e dignidade humana. Convi-

do-vos a ser misericordiosos, como o Pai Celeste é misericordioso. Pedi que a vossa Renúncia neste Ano da Misericórdia se destinasse às actividades do Seminário, na formação e acompanhamento das Vocações, e à ajuda das Mães Solteiras e das Mulheres Grávidas, para que sejam apoiadas a respeitar, promover e alimentar a vida humana. Seria desumano querer a vida respeitada sem dar às mães os meios de o poderem fazer. Além da Caritas Diocesana, em prol dos carenciados e vítimas da droga e das Conferências de S. Vicente de Paulo e de outras obras, existe, na Diocese, um Centro de Apoio à Vida, dependente da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real, que há que apoiar, para que ele cresça, floresça e frutifique.

Como Paulo peço: “vivei alegres, tendei à perfeição, consolai-vos uns aos outros, tende um único sentir, vivei em paz e o Deus do amor e da paz estará convosco. Saudam-vos todos os santos. A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (2 Cor. 13, 11-13).

+ Amândio José Tomás,
bispo de Vila Real

A propósito do terceiro ano da eleição do papa Francisco

Caros Diocesanos: Completaram-se três anos da eleição do Papa Francisco, no dia 13 de Março passado. Ao primeiro papa não italiano dos tempos modernos, São João Paulo II, sucedeu Bento XVI, que, em 2013, por motivos de saúde, abdicou, por amor à Igreja, realizando um corajoso acto de abnegação e de clarividência. Ao génio humilde de Bento XVI, sucedeu Francisco, o latino-americano, argentino, vindo da periferia do hemisfério sul, sendo o primeiro papa não europeu, desde há séculos, sendo também o primeiro jesuíta. Ao chamar-se Francisco, quis seguir o pobrezinho de Assis. Vindo da periferia, exorta a centrar-nos, no essencial, e a evangelizar as periferias geográficas e humanas. Como latino-americano diz-nos que a Igreja não é a Europa e que está, cada vez mais, fora dela, sendo menos ocidental e mais africana, latino-americana e asiática, devendo estar aberta ao futuro, como enviada e missionária, em êxodo, pelo mundo.

No que se refere à eleição dos últimos papas, lembro que, após a morte de Paulo VI, em 1978, houve dois acontecimentos epocais, cheios de significado, para a Igreja, que prepararam um terceiro grande acontecimento, que foi a eleição, há três anos, dum jesuíta, Sul-Americano, oriundo da Argentina, na pessoa do Cardeal Jorge Bergoglio, Arcebispo de Buenos Aires, que escolheu o nome de Francisco.

Será bom evocar os primeiros dois grandes acontecimentos, que vivi, de perto, e que prepararam o acontecimento da eleição do Papa Francisco. O primeiro foi a eleição dum não italiano, vindo de longe, da Polónia, em Outubro de 1978. A eleição que nos deu um papa polaco, lem-

brou que a Igreja, que tem, como Pastor Visível o Bispo de Roma, não é a Itália, nem a Europa, mas é o Mundo. Recordo bem, que, numa aula de exegese, o Professor Maurice Gilbert, jesuíta, no Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, em Outubro de 1978, após a eleição do papa, saudava, jubiloso, o gesto corajoso dos Cardeais, que tinham escolhido um papa não italiano, testemunhando a universalidade da Igreja. João Paulo II, o “papa vindo de longe”, nas viagens, pelo mundo, mostrou, que a Igreja é de todos e para todos, que é missionária e enviada ao mundo e que Deus não faz acepção de pessoas. A Igreja é, por natureza, católica, isto é, universal, por vontade de Cristo. Com a eleição de São João Paulo II, acabou a ininterrupta série de Papas Italianos, desde o século XVI.

Do segundo acontecimento, que preparou o terceiro da eleição e resignação de Bento XVI, não se pode prever o alcance. Sabemos só que a resignação foi a grande novidade desse pontificado, que sublinhou a necessidade da evangelização da Europa e do Mundo. O sucedido em Fevereiro de 2013, com a renúncia ao ministério de Pedro, por manifesta impossibilidade, depois de ponderadas as coisas e de intensa oração, vai ter grande alcance e significado, pois, já não se ouvia falar disto, desde a Idade Média. O gesto de Bento XVI imitou o dos bispos, que, desde o Concílio, pedem e lhes é dada a resignação e renúncia ao ministério de condução da Igreja Particular Diocesana. A renúncia ao ministério de Pedro, para lá de ser excelente atitude de humildade e de despojamento, revela grande clarividência e sentido de Igreja e está destinada a deixar marcas



e a ser imitada, por outros papas, no futuro, e sempre que for necessário.

O acontecimento, que, três anos depois, celebramos, com muito reconhecimento, é o da eleição do Papa Francisco, o papa Sul-Americano. Já se falava da vaga possibilidade de ser eleito um papa não europeu, africano ou latino-americano. Mas, eram apenas conjecturas, que, afinal, se tornaram realidade. O acontecimento da eleição dum Papa Argentino mostra a Igreja Católica, cada vez menos europeia, descentrada de Roma, com predomínio, noutras latitudes, manifestando o peso da América Latina, da África e da Ásia, na fé e vida da Igreja e no declínio da Europa e do Ocidente, outrora cristão. Estamos, numa época nova, onde é preciso acertar agulhas e atingir os necessitados, nas suas novas situações, nesta missão universal e decisiva, que transforma a Igreja, em casa e hospedagem, em prol da humanidade, em prol da humanidade, pelo Papa Francisco, a um extenso hospital de campanha.

Deus concede à Igreja os pastores de que precisa, em cada época. A eleição dum Papa, vindo de fora, de muito longe, da vida pastoral da América Latina e estranho à Cúria, parece, nesta conjuntura, ser providencial. Ele conquistou o coração das gentes, com a simplicidade e afabilidade, com que, todos os dias, não acaba de nos surpreen-

der.

Pessoalmente, recordo a eleição de João Paulo II, o Papa “vindo de longe”, cuja eleição quebrou a tradição de Papas italianos e se apresentou, na varanda da Basílica de S- Pedro, a 16 de Outubro de 1978. Na apresentação, alguns italianos levavam as mãos à cabeça e comentavam ao ouvir o nome eslavo do papa, apresentado, pelo Cardeal Diácono: “Não é italiano? Quem é? Mas, não pode ser! O que vai ser da Igreja? Ela está perdida!”, diziam. Lembro-me do balde de água fria, que foi o anúncio da eleição do novo papa e como ele os desarmou e conquistou. O gelo quebrou-se, quando o Papa disse que assumia o italiano, como a sua língua, ao se tornar Pastor da Igreja de Roma, acrescentando, com humor: “vou falar italiano, mas, se errar, vós me ireis corrigir!”. No dia da sua entronização como Bispo de Roma e pastor da Igreja Universal exortou o mundo: “Não tenhais medo. Abri as portas a Cristo, antes escancarai-as”.

O Papa João Paulo II foi o Papa santo, amado dos italianos e no mundo. Foi o Papa que me ordenou bispo, com quem rezei, conversei e convivi, tantas vezes, e deixou marcas, na minha vida de padre e de bispo. Por sua vez, o Papa Bento XVI continuou, na senda de S. João Paulo II. Com ele, contrai amizade indelével que deixou marcas, na minha memória. É

um santo, simples, sábio e acolhedor. Ouve-se, com prazer, como génio humilde, dialogante, amigo, retraído e cheio de candura. Já, quando passeava, pelas ruas, de boina, na cabeça, com discrição e encanto. Humilde e tímido, não procurava a própria glória, mas, convicto e sereno, entusiasmava os jovens, dizendo: “Cristo não vos rouba nada, mas dá-vos tudo.” O retiro do papa emérito é exemplo de quanto a oração ajuda a vida da Igreja, que se mantém fiel a Cristo, graças ao Espírito Santo.

A celebração do terceiro aniversário do Papa Francisco nos estimule e ajude a rezar, assiduamente, por ele e pelo seu ministério, para que ele, cheio dos dons do Espírito Santo, e alicerçado em Cristo, nos ajude a fortalecer e confortar, na fé, pois, o Papa é um Pai que preside à caridade na Igreja, ajuda os crentes, na unidade da fé e partilha a esperança inabalável e imorredoura, no Ressuscitado, para que “o Senhor da paz vo-la conceda sempre e de todos os modos” (2 Tes. 3,16). “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (2 Cor. 13,13). Que Deus a todos abençoe e que “a Deus, o único que é sábio, seja dada honra e glória, por Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amen”. (Rm. 16, 27).

+ Amândio José Tomás
Bispo de Vila Real

Faleceu o Pe Manuel Guedes

Natural de Tuizendes, freguesia de Torgueda, Vila Real, onde nasceu a 4 de julho de 1932, o P. Manuel Joaquim Correia Guedes frequentou o Seminário de Vila Real e foi ordenado a 21 de setembro de 1957 na Sé de Vila Real.

Pároco de Paredelhas e Campanhó, de 1957 a 1961, ficou mais conhecido como pároco de Vilar de Ferreiros, a que pertence o

santuário da Senhora da Graça. Aí começou como vigário em 1961 e pároco desde 1969 até outubro de 2013, altura em que foi residir para Mondim, ficando capelão da Santa Casa da Misericórdia.

Foi ainda pároco do Bihó, desde 1986.

Morreu a 3 de Janeiro último. Que o Senhor o receba no seu banquete eterno.

Família e misericórdia

Decorreu dia 28 de Fevereiro, em Ribeira de Pena, mais um encontro de reflexão para as famílias do Baixo Tâmega, desta vez com o Dr. Gomes da Costa, de Vila Real, psicólogo.

A nossa vida é um milagre, porque Deus foi misericordioso connosco. Este é o ponto de partida. A partir daqui, seremos capazes de viver essa misericórdia em qualquer contexto e, claramente, na família.

Embora a estrutura da família possa ter mudado ao longo da história, a verdade é que a sua função e a sua missão permanecem. A família será sempre o porto de abrigo e por outro lado o porto de partida. É nela que as pessoas se “aconchegam” aquando das tempestades “lá de fora”, como as dificuldades financeiras, a falta de emprego, os estudos, a doença, mas é a partir dela também que, posteriormente, se “farão ao largo”, favorecendo a autonomia, sendo que não se pode viver sempre “amarrado” à família, no sentido de se depender dela constantemente a alguns níveis. Por exemplo, há pais que superprotegem os filhos, o que não será o ideal, pois os limitam, os desresponsabilizam. Há pais que, por falta de tempo com os filhos, lhes dão em excesso para colmatar a ausência. É preciso “ensiná-los a pescar, não dar-lhes o peixe”. Não se pode

dar tudo aos filhos, por que isso é fazê-los desaprender o sentido de responsabilidade, do lutar para chegar a um objetivo, e isto é misericórdia presente no seio de uma família. A função primordial da família é de cuidar, de tomar conta, de sair de si mesmo para ir ao encontro do outro nas suas necessidades, de ensinar, de testemunhar com ações concretas, de educar para depois ser-se capaz de seguir pelos próprios pés. É este sentido de relação, de comunicação, é este dar-se de forma plena aos outros, considerando o que é bem e menos bem, que faz da família um lugar de misericórdia. Naturalmente, que dentro de uma família há semelhanças e diferenças, mas é dessa riqueza de semelhanças e diferenças que se completam as pessoas. É desse entendimento, desse aceitar o outro, desta relação diversificada, cada um com as suas características, que é possível estruturar-se uma família, com uma hierarquia estabelecida, sabendo que há o pai e a mãe ou os avós que impõem limites, que levam o barco a bom porto, para que dentro de casa o projeto possa concretizar-se. É desta relação coordenada que cada indivíduo se sente pertença de uma história, de uma tradição, pertença de alguém, configurado a uma identidade familiar.

Sandrina Delgado

ENCONTRO SACERDOTAL

O “Encontro Sacerdotal” com os padres da Diocese de Vila Real e da Diocese de Ourense (Padres da Raia Galega), vai realizar-se em Chaves, na Igreja Matriz, no próximo dia **9 de Maio**, com o programa seguinte:

10 horas – Acolhimento na Praça Luís de Camões, em frente à

Igreja Matriz, onde podem estacionar os automóveis e paramentação na Igreja da Misericórdia;

10.30 horas – Celebração da Eucaristia com Laudes na Igreja Matriz

Do fim da missa até às 13 horas – Apresentação, uma palavra breve dos dois bispos e, se houver tempo, cada Diocese

apresenta um testemunho de vida sacerdotal em comum;

13.30 horas – Almoço e convívio, no restaurante “Zé Luís” que fica na localidade de Vila Nova, estrada de Vila Real.

As inscrições devem ser feitas junto do P. Guerreiro, até ao dia 2 de maio.

ACÇÃO CATÓLICA EM REFLEXÃO

O Cristão no Jubileu da Misericórdia

Tendo como pano de fundo o Jubileu da Misericórdia, a Acção Católica de Vila Real realizou a sua reflexão quaresmal no último fim de semana de fevereiro passado.

O cenário escolhido para esta jornada de reflexão foi o convento de Balsamão, em Chacim, Macedo de Cavaleiros, um lugar paradisíaco, que muito ajuda a actividades desta natureza, pela paz e pelo silêncio que ali se fazem sentir.

Presidiu à reflexão o Diácono António Matos, militante da Acção Cató-

lica e que há muitos anos vem acompanhando este movimento na qualidade de assistente adjunto.

Da reflexão fez parte uma análise da figura do Papa Francisco, que decretou este Jubileu.

Passou-se depois à análise e reflexão sobre vários aspectos a ter em conta nas várias vertentes em que se deve desenvolver o exercício da misericórdia, por parte dos cristãos, ao longo deste ano litúrgico.

Vários textos bíblicos do Novo e do Antigo Testamento ajudaram nesta reflexão, na qual participa-

ram cerca de uma dúzia de militantes da AC.

Uma área em debate foi a que se prende com a Justiça divina e a justiça humana, suas definições e âmbito, tema que originou a participação alargada dos presentes.



MISERICÓRDIA, O QUE É?

Estamos no Ano da Misericórdia, assim declarado pelo Papa Francisco.

Durante todo este ano litúrgico somos desafiados a olhar mais para os outros, depois de nos estudarmos, de nos analisarmos sobre o modo como vivemos no nosso dia a dia as obras de misericórdia. Ou será que nem já sabemos, sequer, as obras de misericórdia todas, as espirituais e as corporais?

E como exercitaremos nós essas obras de misericórdia? Como levaremos à prática o pedido do Papa?

Será que basta darmos mais atenção aos famintos, aos pobres,

aos presos aos doentes? E também dando bons conselhos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes e igualmente rezar por todos? Estas e as demais que aqui faltam.

Porque não pensarmos também em fazer Deus presente sempre que notamos que Ele parece arredado do convívio de muitos dos nossos amigos. Sabermos explicar porque é que Deus está presente no meio dos homens, mesmo quando julgamos que Ele está longe, esquecido de nós, no meio das adversidades da vida, das doenças, dos muitos problemas que afligem os homens e cada um de nós.

No fundo, o que temos

a fazer é dar a entender, de forma que esses nossos amigos percebam, que o problema não está na existência de Deus ou na sua ausência nos acontecimentos da vida. Não será que o problema está exactamente no facto de nós O esquecermos, nos afastarmos d’Ele? Mas Ele está lá. Isso é o que nós, com palavras de fé, cheios de caridade, com o nosso testemunho e exemplo, temos de mostrar.

Será uma grande obra de misericórdia fazermos sentir aos que, aparentemente, não acreditam ou não crêem, que Ele está lá, mesmo quando parece ausente.

A. F. Caseiro Marques

ENCONTRO UPS - FORMAÇÃO PARA CATEQUISTAS

Foi um dia diferente!

Pelas 9.15h do dia 16 de Janeiro, realizou-se uma formação para catequistas, no Seminário de Vila Real. Os catequistas começaram a chegar vindos de várias paróquias da nossa Diocese. Alguns já conhecidos, outros novatos nestas andanças, mas depressa se congregaram numa única família - a dos catequistas - membros de outra ainda maior cujo Pai é Misericórdia.

O acolhimento foi sem dúvida original: tivemos direito a um bombom com uma mensagem.

Dirigimo-nos à capela onde fizemos a oração da manhã e demos-Lhe os bons dias, rezando e cantando em Seu louvor.

Divididos em quatro grupos, conforme as cores das fitas que nos foram distribuídas, participámos em vários workshops, bastantes úteis e proveitosos, onde mais que uma aprendizagem, fizemos uma

partilha da vivência e dos anseios de cada um.

A meio da manhã fizemos uma pausa para café, mudança de salas e de workshops.

Por volta das 13:00h, tivemos mais um momento de convívio, no refeitório, onde saboreámos uma excelente refeição.

De tarde, mais partilha e ensinamentos, onde todos demos um pouco de nós, até mesmo fisicamente ... nas dinâmicas do Paulo, onde fomos "compensados" com "caramão doce" !!!

Regressámos à capela e terminámos o dia, com uma oração e cânticos de despedida.

De regresso a casa trouxemos na "bagagem" a alegria que deve caracterizar os cristãos e no coração, o desejo de sermos evangelizadores e misericordiosos como o Pai.

*Margarida Maria Lemos
Parada de Cunhos*

No dia 16 de janeiro fomos beber à fonte. Desde o momento da chegada que nos sentimos acolhidos pelo sorriso de quem



nos oferecia um bombom que era muito mais que isso, era um sinal de abertura, de diálogo e de amizade de quem nos interpela e que procurou que, ao longo do dia, fôssemos saboreando a presença de Deus.

A misericórdia foi o mote para pensar a Catequese que temos feito. Conversou-se sobre a importância do planea-

mento da catequese num contexto macrodiocesano e paroquial para depois se refletir na preparação da sessão da catequese que



se inicia quando, enquanto catequista, me questiono sobre os objetivos que pretendo que os jovens alcancem. Houve tempo para experimentar dinâmicas que podem servir para a formação do grupo de catequistas ou para trabalhar com os jovens para que tenham consciência do quão importantes e valiosos são para a Igreja de Cristo. Pelas mãos do padre João

fomos convidados a entrar no coração misericordioso de Deus... afinal só Deus é misericordioso pois "ninguém consegue separar-se de si e viver com o coração no outro" cabendo-nos apenas imitar os gestos da misericórdia divina. Neste atelier recebemos um cubo que é uma possibilidade de se viver, em catequese ou individualmente, o caminho da quaresma.

O dia terminou com a oração da tarde, com a certeza de que este dia é também um início, uma reorientação das bússolas, um novo olhar diante de velhos hábitos que se vão tornando rotineiros, um abraçar do Pai e um deixar-se amar pelo seu coração Misericordioso.

Mais do que um obrigado a quem pensou e pôs em prática esta formação, que possamos continuar a dizer: "Dá-nos sempre de beber".

Os catequistas de Sedielos

Arciprestado do Baixo Tâmega

FORMAÇÃO PARA CATEQUISTAS

De oito de Janeiro a cinco de Fevereiro, o Arciprestado do Baixo-Tâmega reuniu os catequistas, provindos dos seus vários lugares, em "serões de catequese", a fim de lhes proporcionar alguma formação e considerar o défice que se faz muitas vezes sentir mediante determinados assuntos e temas, enquanto catequistas e enquanto pessoas cristãs.

Esta iniciativa resultou dos vários encontros que a Equipa Arciprestal de Catequese do Baixo-Tâmega tem vindo a fazer, com os vários coordenadores.

Neste contexto de formação, foi apresentado um bloco de sessões de catequese, como: História do Povo de Deus, Sagrada Escritura; Mandamentos da Lei de Deus, Bem-Aventuranças e Obras de Misericórdia; Sacramentos e por último, o Credo. É evidente, que não se fez um estudo exaustivo dos te-

mas, mas foi intuito de que, pelo menos, se abordasse o essencial e, mais ainda, se respondesse às dúvidas muitas vezes presentes nesses temas e ensinamentos doutrinais. Os resultados, por isso, mostraram-se muito positivos e satisfatórios. O Arciprestado congratulou-se com a participação dos seus vários catequistas. É por isso pretensão dar continuidade a esse projecto de formação, tocando outros pontos, temas e ensinamentos, sobretudo para uma maior vivência da doutrina da fé, a fim de que enquanto cristãos e catequistas se seja capaz de ver esclarecidas questões e de esclarecer outros, sobretudo os que estão ao cuidado dos catequistas - os catequizandos.

Que o Espírito Santo oriente o testemunho de todos os catequistas e, tal como os apóstolos, sejam capazes de cheios de ardor dar continuidade ao mandato do Senhor: "Ide e fazei discípulos"!

JOVENS DE RIBEIRA DE PENHA



No V domingo da Quaresma e em consonância com o Ano da Misericórdia, a Unidade Pastoral de Ribeira de Pena propôs aos jovens a encenação do Evangelho da Mulher Adúltera. O grupo de Jovens "Mãos Solidárias" encarnou as várias personagens, "ves-

tindo a pele" do perdão na pessoa de Jesus Cristo, assumindo a falha de cada um de nós nas figuras dos fariseus, escribas e da mulher adúltera.

A reflexão centrou-se nas palavras de Jesus: "Quem de entre vós nunca tiver pecado, que atire a primeira pedra..."

Fica o desafio para a Semana Santa que aí se avizinha... Quem de nós atirar a primeira pedra ou falhar de alguma forma, deve refletir se está no direito de o fazer... no entanto, Deus está sempre pronto a perdoar-nos. Abeiremo-nos, por isso, do Sacramento da Confissão, para sentirmos e vivenciarmos a experiência da misericórdia de Deus para conosco!

Sandrina Delgado

INAUGURAÇÃO DO ÓRGÃO SINFÓNICO DA SÉ DE VILA REAL

Cont. pág. 1

Quando visitamos as várias cidades europeias, para não falar só das capitais, a primeira coisa com que deparamos ao entrar nas suas igrejas é precisamente o programa musical que gira à volta do grande órgão. Assim demos conta de que, após este trabalho com tão bom resultado e que já é motivo de muitas visitas à Sé, foi necessário completar o programa de intervenção dotando o espaço com um

órgão de tubos que é considerado o rei dos instrumentos.

A construção de um órgão sinfónico exigiu que se avançasse com um projecto original e de qualidade. Foi por isso que, após uma longa e aturada reflexão convidámos um dos maiores organistas mundiais, o M^o Giampaolo Di Rosa, cuja tese de doutoramento versou sobre a temática das técnicas de registação no órgão de tubos.

Temos a convicção de

que o verdadeiro desenvolvimento e crescimento passam obrigatoriamente pela cultura. Construir um órgão que é destinado ao culto e a uma programação concertística foi verdadeiramente uma aposta no acesso à cultura de todo o povo, desde o mais simples que frequentará a missa dominical, ao mais informado e formado que programará na sua agenda uma vinda a Vila Real para ouvir tocar o órgão sinfónico

da Sé. Deste modo, toda a cidade sairá enriquecida. Direi mesmo, a região.

O projecto de um órgão para a Sé de Vila Real veio colmatar o deserto que se verifica em toda a Diocese e servirá de motor para toda a região. Isso fará com que muitos se deslocarão a Vila Real para ouvir este órgão pela sua qualidade de excelência.

O órgão da Sé de Vila Real é um órgão do século XXI e tem:

- Qualidade de excelência mundial na concepção e composição.

- Equilíbrio perfeito dos 33 registos interagindo entre si no espaço durante o tempo musical.

- Máxima idoneidade litúrgica e possibilidade interpretativa do repertório de todos os séculos até aos nossos dias.

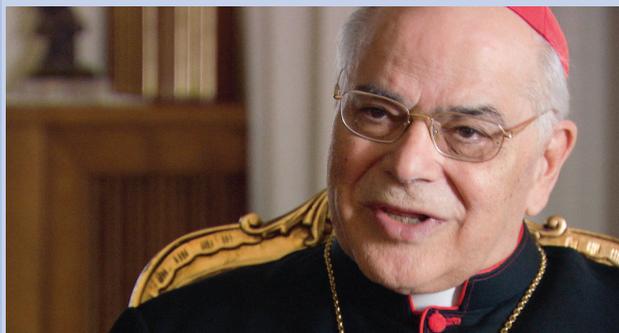
- Perfil magistral para a arte da improvisação.

- Capacidade e flexibilidade integrativa com vozes e instrumentos.

- Programação concertística permanente ao longo de todo o ano.

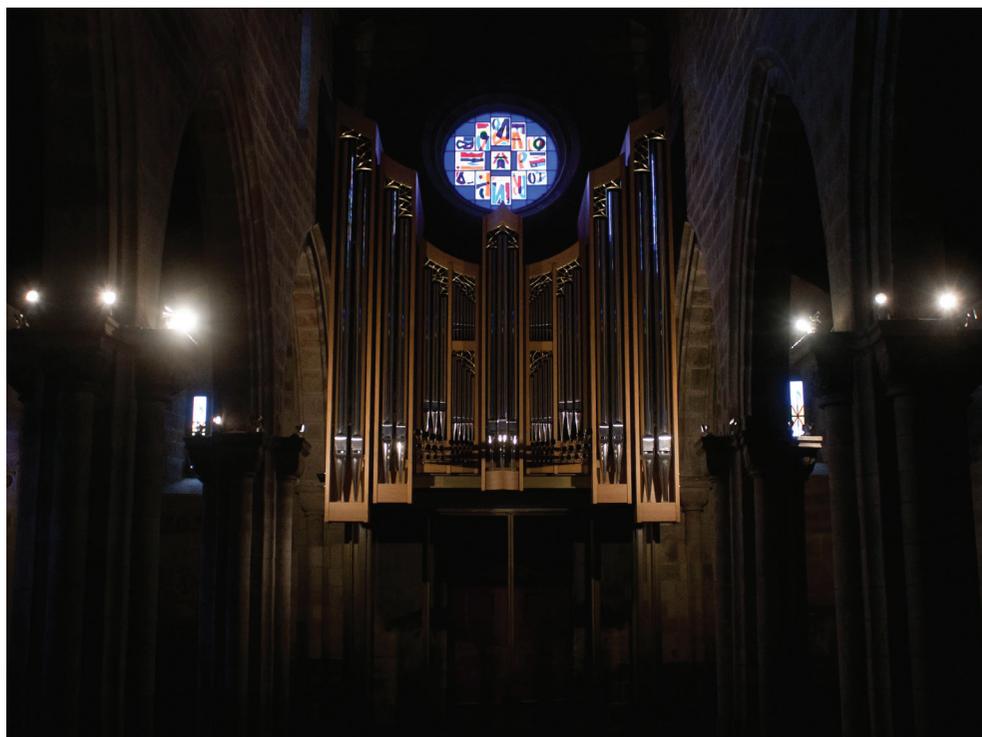
Mons. Agostinho Borges

CARDEAL D. SARAIVA MARTINS EM VILA REAL



A Vigararia da Cultura da Diocese de Vila Real, aproveitando a vinda de Sua Eminência Rev.ma D. José Saraiva Martins, Cardeal Bispo Prefeito Emérito da Congregação da Causa dos Santos, a Vila Real para a

bênção do Órgão Sinfónico da Sé, promove uma conferência que terá lugar no Auditório do Seminário, dia **19 de abril, 21.00h, sobre “Os cristãos na vida da cidade”**. Todos estão convidados. A entrada é livre.



PROGRAMA DA INAUGURAÇÃO

20 DE ABRIL (QUARTA-FEIRA)

18h00: MISSA SOLENE DE BÊNÇÃO DO ÓRGÃO SINFÓNICO

Preside Sua Em.^a Rev.^a D. José Saraiva Martins, Cardeal Bispo, Prefeito Emérito da Congregação dos Santos

19h30: CONCERTO DE INAUGURAÇÃO

Organista: Giampaolo Di Rosa

-Pedro Araújo (séc. XVII): Batalha (versão sinfónica de G. Di Rosa)

-Johann Sebastian Bach (1685-1750): Prélúdio e fuga em Ré maior BWV 532

-Ferenc Liszt (1811-1886): Fantasia e fuga sobre o B.A.C.H. (versão para órgão de G. Di Rosa)

-Giampaolo Di Rosa (1972) Improvisação sobre tema dado

www.ipsar.org
www.orgao.diocese-vilareal.pt

21 DE ABRIL (QUINTA-FEIRA)

21h00: CONCERTO DE APRESENTAÇÃO

Organista: Giampaolo Di Rosa

-Manuel Faria (1916-1983): Tríptico Litúrgico:

Prelúdio – Meditação – Final

-Johann Sebastian Bach (1685-1750): Toccata e fuga em Fá maior BWV 540

-Giampaolo Di Rosa (1972): Improvisação (precedida por uma análise pedagógica)

22 DE ABRIL (SEXTA-FEIRA)

21h00: FESTIVAL ANUAL PERMANENTE I CONCERTO

Organista: Giampaolo Di Rosa

-Carlos Seixas (1704-1742): Sonata em Dó maior

-Johann Sebastian Bach (1685-1750): Prelúdio e fuga em Mi bemol maior BWV 552

-César Franck (1822-1890): Corale III

-Giampaolo Di Rosa (1972): Improvisação sobre tema dado.

FESTIVAL ANUAL PERMANENTE CONCERTOS MENSAIS

Os concertos serão sempre à sexta-feira, às 21 horas. Entrada livre com oferta

27 DE MAIO: Giampaolo Di Rosa

17 DE JUNHO: Giampaolo Di Rosa

15 OU 22 DE JULHO: Organista convidado

19 DE AGOSTO: Giampaolo Di Rosa

16 OU 23 DE SETEMBRO: Organista convidado

28 DE OUTUBRO: Giampaolo Di Rosa

18 OU 25 DE NOVEMBRO: Organista convidado

16 DE DEZEMBRO: Giampaolo Di Rosa

www.giampaolodirosa.org